



Alunos do Magistério no Corsina Braga: programas da TV Escola ajudam a preparar os futuros professores.

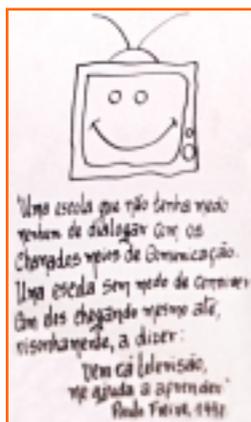
# “Vem cá TELEVISÃO, me ajuda a APRENDER”

A frase, estampada num cartaz, sintetiza a relação de professores e alunos com a programação. A Escola Corsina Braga, de Cachoeirinha, PE, não desliga a TV Escola, como conta Rosângela Guerra nesta reportagem.

Fotos: Sérgio Falci

“**N**ão fique de boca aberta, Zé / em cidade que for chegando / terra alheia, pisa no chão devagar.” A música do conjunto Mestre Ambrósio vai e volta na minha cabeça, no embalo do ônibus que vai de Recife a Cachoeirinha, no agreste pernambucano.

Agreste, me ensina o livro de Geografia, é a região entre a mata e o sertão, com solo pedregoso e vegetação escassa.



REPRODUÇÃO DE CARTAZ AFIXADO NO CORREDOR DA ESCOLA

Dentro do ônibus, ar-condicionado, frio, frio, lá fora as palmeiras de beira da estrada brilhando ao sol da manhã.

Cento e setenta e quatro quilômetros depois, piso no chão devagar, como ensina a música. Ruas largas, calçamento bonito de pedras quadradas e as algarobas, sempre verdes, mesmo quando a seca aperta. Onde estão as pessoas com latas d'água na cabeça e os caminhões-pipa? “Choveu esses dias”, ➤



Valdete, supervisora e videotécária, sabe de cor o nome dos programas, gravados em mais de 400 fitas – uma delas, no detalhe, com caderno de catalogação.



conta a diretora da Escola Estadual Corsina Braga, Elenilde de Almeida. Estamos em julho, um dos meses mais chuvosos na região.

A escola não tem sede própria, ocupa um prédio da rede municipal, pequeno para 806 alunos do ensino fundamental, 551 do médio e 24 professores. O auditório é muitas vezes usado para as aulas e a sala dos professores cedeu parte do espaço para a videoteca, batizada com o nome do educador pernambucano Paulo Freire (1921-1997).

#### TV ESCOLA NA PAREDE

Há, no entanto, a movimentação alegre de gente com vontade de fazer e de criar; um vaivém de alunos, professores e gente da comunidade. As paredes estão cobertas com cartazes da TV Escola, produções de alunos e professores.

Até o final de agosto a escola tinha 424 fitas catalogadas e guardadas com zelo em armário revestido com isopor para melhor conservação. Valdete Diniz, supervisora e videotécária, sabe de cor os nomes dos programas, requisitados por outras escolas da região. E usa palavras atribuídas a Paulo Freire para dizer, num cartaz, o que

pensa: “... uma escola que não tenha medo nenhum de dialogar com os chamados meios de comunicação (...), chegando mesmo até, risonhamente, a dizer: vem cá televisão, me ajuda a aprender”.

## VONTADE DE MUDAR

Eu me apresento, eles se apresentam, nós conversamos. Nessa roda formada por 16 professores da Escola Corsina Braga, a maior parte leciona mais de uma disciplina. Há professores que dão aulas de Biologia e História; outros, de Física, Química e Matemática, por exemplo. Eles me explicam que isso tem a ver com a política educacional na rede de ensino estadual e também com a falta de professores habilitados na cidade. A carência maior é em Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Dos cinco professores da escola nessa área, só um tem habilitação específica.

Na rede estadual, cada professor pode

dar no máximo 200 aulas/hora por mês em cada disciplina, o que é considerado pouco. Por isso muitos fazem cursos de licenciatura em outras disciplinas para aumentar a carga horária e o salário. Eles têm uma rotina pesada, dando aulas na escola e cursando faculdades que ficam em outras cidades, como Garanhuns, Caruaru e Recife.

Reclamam: faltam concursos, o sistema de nomeação dos aprovados é lento e, com isso, é alta a rotatividade de professores, com prejuízo para a qualidade do ensino. O que move a equipe é outra frase atribuída a Paulo Freire, escrita num cartaz logo na entrada da escola: “Precisamos de esperança crítica, como peixe necessita de água despoluída”.

### ESTRATÉGIA DE CAPACITAÇÃO

A necessidade premente de capacitação fez com que os professores adotassem a TV Escola. Antes mesmo do kit chegar, eles pediam fitas emprestadas à Delegacia Regional de Ensino. Quando o kit foi instalado, em 1997, vídeos e impressos (especialmente a revista **TV ESCOLA** e os Cadernos da TV Escola) passaram a ser consumidos avidamente pelos professores. “Vivemos num mundo globalizado, estamos na era tecnológica, a escola não pode ficar fora disso”, justifica Darling Alice, professora de História, Sociologia e Matemática.

A vontade de mudar vinha também da falta de perspectiva dos alunos. “Estudar pra quê?”, ouviam os professores. “O ídolo da cidade é Beto de Tota, que não quis saber de estudar e é rico”, conta Luís Eduardo de Almeida, professor de Língua Portuguesa e Inglês.

Cada professor organizou-se como pôde. Os volumes dos PCN do ensino fundamental foram todos estudados. O que era difícil de entender nos textos foi compreendido com a ajuda dos vídeos da TV Escola. A adesão à >

## UM OLHAR SOBRE A CIDADE

Quinta é dia de feira, que começa cedinho, por volta das 5h30, com a venda de queijos. Combino um encontro com os participantes do projeto interdisciplinar Um Olhar sobre a Cidade, inspirado na série de programas sobre projetos pedagógicos do Salto para o Futuro. Acompanhados por professores, os alunos do ensino médio visitam vários pontos da cidade para refletir sobre a realidade em que vivem. Aulas fora da sala de aula? “É uma novidade introduzida pela TV Escola”, conta Valdete, a videotecária.

Chega um, chega outro, apesar da chuva fina. Alunos e professores vão mostrando a feira e falando do estudo que fizeram sobre Cachoeirinha, uma cidade com pouco mais de 17 mil habitantes.

Carla Correia, 18 anos, 2º ano do ensino médio, aponta para vários alunos do Corcina Braga que trabalham na feira. Uns, pequenos ainda, empurram carrinhos com mercadorias. Outros vendem queijos, como Janidis Valentim, 19 anos, aluna do 2º ano do Magistério, que desde os 5 ajuda os pais no trabalho. Flávia Ramos, que ontem à noite estava na classe da professora Lourdes, mostrando o trabalho que fez com o vídeo *O nascimento da escrita*, está aqui vendendo botão, linhas e alfinetes.

### OLHOS MAIS CRÍTICOS

Entramos na rua das selarias, onde também trabalham muitos alunos do Corsina Braga. Cachoeirinha é famosa por ser “a cidade do couro e do aço”, um pólo importante de produção de artigos de montaria. A turma me leva para conhecer Arlindo Mano, 55 anos. Seu maior orgulho é ter feito um daqueles chapéus usados pelo rei do baião, Luiz Gonzaga. E seu maior desejo é que seja criado em Cachoeirinha um curso profissionalizante de selaria. “Caso contrário, acaba a nossa tradição.”

Vamos agora conhecer a feira de gado, fora do centro urbano e freqüentada por comerciantes de vários Estados do Nordeste. A chuva teimosa não nos deixa ir até o lixão, às casas de farinha e aos açougues, onde se vende a carne de charque. Não vamos também conhecer o rio Una, onde fica a cachoeirinha que dá nome à cidade. Os lugares que visitamos foram registrados com fotos e textos pelos alunos do projeto Um Olhar sobre a Cidade, que assistiram a vídeos da TV Escola, como *A cidade*, programa da série *Ecce Homo*.



Pergunto aos alunos: “Vocês estão vendo a cidade com outros olhos mesmo?”. Adriana Monteiro, 17 anos, do 3º ano, responde: “Estamos mais críticos. Lixo na rua, esgoto a céu aberto, tudo isso chama nossa atenção”. Carlos Alexandre Simões, 17 anos, também do 3º ano, diz que os alunos querem fazer uma campanha para conscientizar a população. E mais: sugerem aos políticos da cidade uma indústria de reciclagem do lixo que, além de aproveitar o que ainda pode ser útil, dá trabalho a muitas pessoas.

Arlindo, que já fez um chapéu para Luiz Gonzaga, conta suas histórias para os alunos.

formação continuada aumentou aos poucos e hoje atinge cerca de 80% dos docentes. Uma vez por semana, eles se reúnem para trocar conhecimentos e discutir conceitos introduzidos pelas mudanças na educação.

### SENTIMENTO DE EQUIPE

Em fevereiro deste ano, antes do início das aulas, a equipe da escola dedicou-se a estudar a reforma do ensino médio durante nove dias. Os que lecionam no ensino fundamental também participaram. Agora é sagrado: os professores se reúnem durante seis horas corridas no último sábado de cada mês. No intervalo entre um sábado e outro, assistem aos vídeos, planejam aulas, trocam experiências, lêem os cadernos e aproveitam ao máximo os textos publicados pela revista **TV ESCOLA**.

Com as atividades de capacitação, reforçam o sentimento de equipe, estimulam o interesse de aprender e entendem melhor a importância de estreitar os vínculos da escola com a comunidade.

# “ESTAMOS NA ERA TECNOLÓGICA, A ESCOLA NÃO PODE FICAR FORA DISSO”

Palavras como habilidade, competência, contextualização e interdisciplinaridade começam a ser traduzidas na prática, por causa dos programas de *Como Fazer?*, transmitidos de segunda a quarta pela TV Escola. O que eles mais gostam é que há sempre três professores que comentam os vídeos e sugerem atividades. “É uma conversa de professor com professor, fica mais fácil”, diz Luís Eduardo.

Os vídeos *O homem que plantava árvores*, *A maravilhosa história da batata* e *Fugindo do moinho*, comentados em *Como Fazer? – A Escola*, foram trabalhados pelos professores e a direção nas reuniões de sábado. Nossa conversa continua.



Encenação teatral no Peti: a escola muito diferente do que foi no passado.

## PARÂMETROS NO PETI

Basta atravessar a praça onde fica a Escola Corsina Braga e chega-se ao Peti – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil –, uma parceria dos governos municipal, estadual e federal que começou a funcionar em abril último na cidade. Já era tempo.

Em Cachoeirinha, meninos e meninas começavam a contribuir com o orçamento doméstico muito cedo, por volta dos seis anos. A escola ficava para trás. Agora, com o auxílio do Programa Bolsa Escola, eles passam um turno na escola e o outro no Peti, onde são atendidas cerca de 300 crianças dos 7 aos 14 anos. Além do reforço escolar, praticam esporte, participam de oficinas de música, dança, teatro e assistem a vídeos da TV Escola (*A pessoa mais importante*, *Fábulas de*

*Esopo*, *Épicos animados* etc.).

Erika Kelly Oliveira e Roseny de Melo, estagiárias do Peti, contam que estão colocando em prática o que aprendem com os vídeos sobre os PCN do ensino fundamental e médio, durante as aulas no Corsina Braga.

O primeiro passo foi conversar com as crianças sobre a importância de estudar. Mais que isso, mostrar que a escola de hoje é muito diferente do que foi no passado. E convidaram Josefa Sobral, 42 anos, três filhos (o caçula, Romário, é do Peti), para dar um depoimento: “Os alunos tinham medo da escola por causa dos castigos, como levar ‘bolos’ de palmatória. Às vezes, tudo isso acontecia só porque a gente não conseguia adivinhar a letra da cartilha”.



Reunião de professores do Corsina Braga: eles se capacitam com ajuda da TV Escola. O que pareceu difícil nos livros dos PCN foi compreendido pelos vídeos.

Outros professores estão em sala de aula. A televisão e o vídeo vão de uma classe para outra carregados pelos próprios alunos, que levam também as cadeiras para servir de suporte aos equipamentos. Cilene da Silva, professora de Biologia, brinca: “Aqui sempre foi assim. As pessoas levavam cadeiras para ver filmes no único cinema da cidade (hoje fechado) e também para a sorveteria, um dos primeiros lugares a ter TV em Cachoeirinha”.

## PRÁTICA TRANSFORMADA

Maria de Lourdes Braga, professora de Língua Portuguesa do 1º ano noturno do ensino médio, pergunta aos alunos: “O que vocês já aprenderam em História sobre a origem da escrita? Como os homens primitivos se comunicavam?”.

Depois, surpreende a classe com gestos e grunhidos. A turma do fundo da sala responde na hora com uivos. Parece apenas um diálogo maluco, até a professora deixar clara sua intenção: representar uma cena de um tempo primitivo, quando as palavras ainda não existiam.

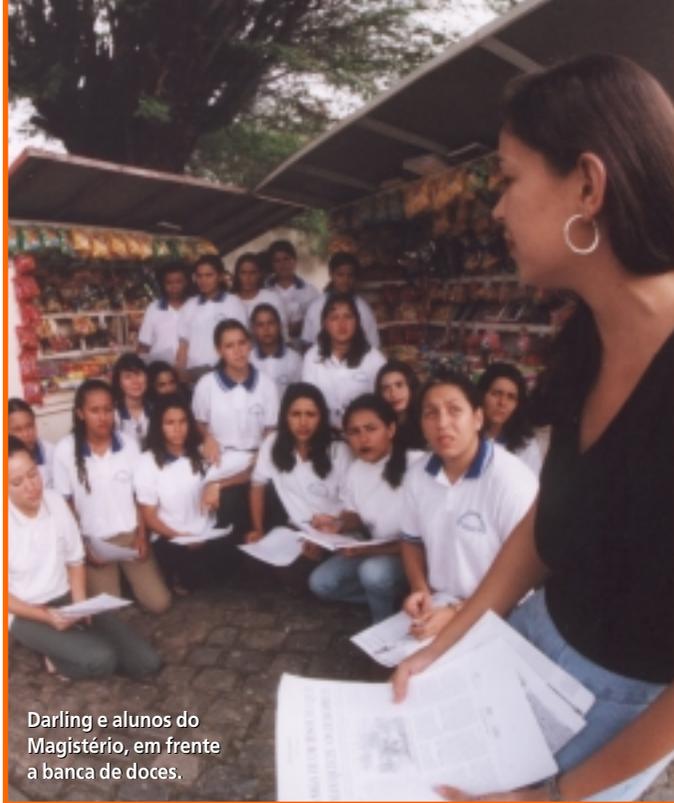
A atividade é parte do trabalho realiza-

do com o programa *O nascimento da escrita*, indicado na seção *Destaques da programação*, da edição nº 23 da revista **TV ESCOLA**. O vídeo conta a história da escrita, que começa há mais de 5 mil anos. Os alunos procuraram mais informações em livros e enciclopédias e Lourdes capturou em casa, pela Internet (a escola ainda não tem computador), imagens da escrita de vários povos primitivos, reproduzidas em painéis na sala de aula.

O trabalho despertou a reflexão dos adolescentes, que ficaram impressionados com a diversidade de línguas faladas no planeta. Lourdes recriou então uma dica de atividade da revista. Dividiu a classe em duas “tribos”: cada uma tinha que criar um código próprio, por meio de símbolos, que deveriam ser decifrados pela outra tribo. Foi um sucesso. As alunas do 3º ano do Magistério estão se preparando para adaptar a atividade para as crianças do ensino fundamental.

### OUTROS SONS

Lourdes explorou também com seus alunos do 1º ano do ensino médio o vídeo *Caju e castanha*, da série *Som da rua*: “Percebi que os alunos só conheciam as músicas atuais de forró, que nem sempre são boas. Quis mostrar a eles que o Nordeste tem música de ➤



Darling e alunos do Magistério, em frente a banca de doces.

qualidade, como as de Luiz Gonzaga”.

A classe pesquisou a vida do rei do baião, seus amores e parceiros. O trabalho foi crescendo e os adolescentes acabaram descobrindo a poesia de Patativa do Assaré e de outros poetas nordestinos (leia entrevista com Patativa na reportagem Mar e sertão, revista **TV ESCOLA** nº 16, agosto/setembro 1999).

“Fizemos também um trabalho sobre a vida de Lampião”, conta Thiago de Sobral, 16 anos. A turma assistiu ao vídeo *Lampião*, da série *Nosso século*. “Ele era herói ou bandido?”, provocou Lourdes. A discussão esquentou. Só que eles tiveram que pesquisar e criar muito. Desenharam a paisagem do sertão, as roupas usadas pelos cangaceiros, traçaram mapas e criaram um dicionário. “Pequena criação de gado para eles era chamada de miúnça”, aprendeu Silvânia de Almeida, 16 anos.

#### CRESCENDO COM A TV

As estagiárias do 3º ano do Magistério, Karla da Silva e Janielly Darling, trabalham com os vídeos da série *Como elas crescem* numa classe de 4ª série. São alunas de Marta Cintra, professora de Didática e fã da TV Escola.

“Vocês sabem o que come a joaninha?”

“As borboletas gostam de comer o quê?”. Partindo sempre do conhecimento que as crianças já têm, as estagiárias desenham uma tabela no quadro. A primeira coluna é reservada para o nome dos animais; a segunda, para seus alimentos preferidos; a terceira, para a cor de cada um; e a quarta, para o número de olhos. “Quem sabe?”.

As alunas do Magistério desafiam os alunos a dar palpites e vão preenchendo o quadro com as respostas. Depois é ligada a TV e exibido o programa. Nem um pio. Atentos, os alunos conferem seus palpites e aprendem por meio da linguagem leve da narrativa que a aranha, tão ocupada em tecer, jamais aprendeu a voar. Quando o vídeo acaba é hora de desenhar os bichos. Os desenhos depois viram jogos, como da memória ou dominó.

#### DOCE DEBATE

No 2º ano do Magistério, Darling Alice, professora de História, trabalha o vídeo *Chocolate*, do programa *Alimento*, de *Como Fazer?*. As alunas lêem textos da imprensa sobre a história do chocolate e o erotismo na mídia envolvendo o chocolate. Pesquisam também sobre o ciclo do cacau na Bahia.

Os debates na sala de aula passam pelo valor alimentício do chocolate, a disputa das campanhas publicitárias, o poder de sedução das embalagens e chegam à discussão sobre capitalismo e globalização.

## CONHECIMENTO ENCENADO

No palco do auditório, alunos do ensino médio apresentam encenações criadas em projetos como 500 anos do Brasil, inspirado nas duas edições de *Brava gente brasileira – 500 anos de pluralidade cultural* (especiais da revista

# “ QUEREMOS FORMAR CIDADÃOS PREPARADOS PARA O MUNDO DE HOJE ”

TV ESCOLA) e nos vídeos da série PCN/*Pluralidade Cultural*.

Maria Tereza Valek, 14 anos, recita um poema da coletânea sobre o descobrimento do Brasil, organizada pela professora Fátima Raimundo e disponível para todos na biblioteca. Um grupo mostra uma dramatização da compra de escravos. “É papel da escola fazer despertar talentos”, diz a professora de História, Darling Alice, satisfeita com a ênfase dada à arte na reforma do ensino médio.

Agora é a vez das alunas da professora Marcirajara da Silva, do Magistério, apresentarem uma peça em que Dona Francisca, a personagem principal, vive o corre-corre das donas de casa enquanto seu marido só dá ordens. “A história tem a ver com a realidade que vivemos. Aqui há muito machismo”, diz Ana Moreira.

Essas moças terminam o Magistério neste ano e a maioria vai lecionar na escola rural, onde a televisão ainda não chegou. Mesmo assim, sentem-se preparadas. Estão em dia com os PCN, sabem da importância de trabalhar com os temas transversais e fazer a contextualização para que as aulas ganhem mais significado.

## MÚLTIPLAS LEITURAS

Sentados em roda, os professores do Corsina Braga dão uma pequena mostra do significado da formação continuada que fazem pela TV Escola.

Valdete exhibe um caleidoscópio, onde surge, a cada pequeno giro, imagens que se abrem a múltiplas leituras. “É como o mundo de hoje. Precisamos apren-

der a nos adaptar às mudanças”, comenta o professor Luiz Eduardo de Almeida.

Todos concordam que a reforma do ensino médio mexeu com a equipe. “Estamos mais unidos, nos sentimos com autonomia para promover as mudanças e para valorizar a nossa identidade nordestina”, diz Lourdes Braga. “Queremos formar cidadãos preparados para o mundo de hoje”, lembra Maria Dolôres dos Santos. Os alunos presentes não escondem o orgulho. Ana Paula Lima, do 2º ano do ensino médio, chega a se emocionar: “Os professores estão nos mostrando que nossa escola tem valor”.

“O próximo passo é a construção do projeto pedagógico da escola”, avisa a diretora adjunta Romicleide dos Santos.

Chega a hora de partir. Mas como ir embora sem dançar forró e frevo? O “hino” de Cachoeirinha, *Orgulho do agreste*, de Antônio Gomes, faz qualquer um arriscar os passos. Como ir embora? Antes, provo bolo de macaxeira, carne-de-sol, tapioca e bolo-de-grude, delícias que as cantineiras me oferecem. ➤

## LEITORA ASSÍDUA

Marta Cintra, professora de Língua Portuguesa no Magistério, é leitora assídua dos materiais impressos da TV Escola. Para que seus alunos do Magistério criem o hábito de ler a revista TV Escola, ela divide a classe em grupos. Cada um lê uma seção, depois trocam relatos e debatem.

Silvaneide de Almeida, aluna do Magistério, cita uma reportagem recente que chamou sua atenção: Lição interplanetária, sobre experiência em Imigrante, RS, publicada na edição nº 23, de maio/junho de 2001. “É uma maravilha. Alunos e professores de duas escolas interagem trocando cartas...”. Ela diz que as experiências relatadas pela revista contribuem na formação dos professores.

Marta mostra edição nº 23 da revista TV Escola: apoio para formar professores.

